

BC diminuiu dívida em dólar em R\$ 187 bi no governo Lula

Redução deixa país menos exposto a variações cambiais

Wagner Gomes

Do Globo Online

• SÃO PAULO. O Banco Central (BC) já reduziu a dívida pública atrelada ao dólar em R\$ 187 bilhões, ou mais da metade, desde o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, reduzindo a vulnerabilidade do país em relação ao fluxo de recursos estrangeiros. Pelos cálculos de economistas, com base em estudos do BC, a dívida em moeda americana passou de R\$ 312 bilhões em setembro de 2002 para R\$ 125 bilhões em abril deste ano — uma diferença de R\$ 187 bilhões. No total da dívida, a participação dos papéis atrelados ao dólar caiu de 37,8% para 15,1% no período.

Parte desta redução se deve à queda da cotação do dólar, de 16,7% de setembro de 2002 até agora. Também pesou o fato de o BC estar trocando papéis remunerados pela variação cambial, reduzindo a participação destes na carteira. Para Roberto Padovani, economista da Tendências Consultoria, isso é importante, pois qualquer estresse no mercado eleva o câmbio e pressiona a dívida, fazendo o governo pagar mais por ela. Pelos seus cálculos, até 1996 a dívida corrigida pelo câmbio correspondia a, no máximo, 9,4% do total.



— O ideal é concentrar a dívida no financiamento a longo prazo e com títulos prefixados. Assim, qualquer oscilação do câmbio a curto prazo não afetaria a dívida brasileira — disse Padovani, para quem o percentual deve voltar ao patamar de 1994, início do Plano Real, quando era de 8,3%.

Alta de juros nos EUA não interromperia processo

Para Alex Agostini, analista da Global Invest, o atual governo mostrou que dará continuidade ao processo de mudança do perfil da dívida brasileira, pois quer reduzir a vul-

nerabilidade do país e conseguir meios para se financiar em momentos de turbulência:

— O país ficou anos sofrendo as consequências de qualquer estresse no cenário internacional. Agora a situação é um pouco diferente.

Agostini ressaltou que a mudança do perfil da dívida não depende só do BC, pois o mercado precisa aceitar os contratos prefixados ou algum outro indexador da dívida. Segundo ele, uma possível alta da taxa de juro americana pode atrapalhar esta estratégia, mas não vai interromper o processo de redução da dívida em dólar. ■